
Um beato nada devoto: a escrita profana de Beato da Silva no jornal anticlerical A Lanterna

A devout devotee: the unholy writing of Beato da Silva in the anticlerical newspaper A Lanterna

*Caroline Poletto**

Resumo: O presente artigo pretende analisar as contribuições escritas sob o pseudônimo *Beato da Silva* no jornal anticlerical paulista *A Lanterna*, que circulou, na sua segunda fase, entre os anos de 1909 e 1916. Essa análise permite adentrar tanto no imaginário anticlerical, tão pouco explorado pela historiografia brasileira, como em questões concernentes à importância da imprensa anticlerical brasileira e sua frenética circulação já nas décadas iniciais do século XX. Chegou a fazer parte de uma intensa rede de trocas e intercâmbios formada por jornais e revistas da imprensa anticlerical internacional e, ainda, demonstrar o quanto se pode desvendar de um sujeito que, em princípio, se esconde (ou se mostra?) através de um pseudônimo curioso, que significa exatamente aquilo que ele não é, ou seja, um beato.

Palavras-chave: *Beato da Silva*. Anticlericalismo. Imaginário.

Abstract: The present article intends to analyse the contributions written under the pseudonym *Beato da Silva* in the São Paulo anticlerical newspaper *A Lanterna*, which circulated, in its second phase, between the years of 1909 and 1916. This analysis will aim to inspect both the anticlerical imaginary, so little explored by the Brazilian historiography, and the questions concerning the importance of the Brazilian anticlerical press and its frantic circulation in the initial decades of the 20th century. *A Lanterna* even took part in an intense net of exchanges and interactions formed by newspapers and magazines of the anticlerical international press. Moreover, this article also aims to demonstrate all that can be unveiled pertaining to a subject that, to begin with, is hidden (or is it shown?) under a curious pseudonym, which represents exactly what the author is not, namely, a pious man.

Keywords: *Beato da Silva*. Anticlericalism. Imaginary.

* Doutoranda em História pela Universidade do Vale do rio dos Sinos (Unisinos). Assistente administrativa no Instituto Federal do Rio Grande do Sul (IFRS). *E-mail:* caropoletto@gmail.com

Questões introdutórias

“E por que perseguem os padres a ciência? Porque sabem que quando o povo tiver uma cultura científica bem sólida, os padres não terão mais o que comer. Porque sabem que quando a ciência abrir os olhos do povo, ele verá claramente a inutilidade, a monstruosidade, a podridão dos padres e horrorizado, os banirão. Porque sabem que quando o povo tiver ciência suficiente verá que os padres são inimigos do homem, da família, do país, da humanidade. Eis por que os padres tentam impedir a todo transe a difusão científica. [...] Porque quando a razão dominar na Terra, os padres serão para sempre precipitados no abismo do nada e deles não se falará, senão com horror”. (A LANTERNA, 3 maio 1901, n. 5).

A primeira aparição do curioso *Beato da Silva* no jornal anticlerical paulista *A Lanterna*¹ ocorre na edição de 13 de novembro de 1909, ocasião em que aparecia um peculiar concurso na folha anticlerical: os leitores do jornal deveriam responder à seguinte pergunta: – *Para que serve um padre?* Sendo que a melhor resposta seria premiada com a obra *Verdade*, de Émile Zola. *Beato da Silva* fez a sua estreia no jornal anticlerical através da participação no referido concurso, cuja resposta elaborada pelo participante é a seguinte:

– Para que serve o padre? Ora essa é boa!
Que pergunta engraçada!
Sabem todos que o padre é coisa à toa,
Não serve para nada.
– Para nada? Mentira; neste mundo
Nada é inútil e vão.
P’ra alguma coisa o padre – esse ente imundo,
Sempre serve, pois não!
Sem o padre romano o que seria
Das freiras voluptuosas?
Quem os doces bordéis forneceria
De mulheres formosas?
Quem daria consumo ao bom Falerno,
Aos bons vinhos franceses
Que tanto imposto pagam ao governo
E enriquecem os burgueses?
Quem com esse fervor extraordinário

Consolaria a beata,
Que busca alívio no confessionário
P'ra volúpia que a mata?
Quem com tanto *fevor*, com tanto *altruísmo*,
Havia de educar
A Mocidade fiel ao Despotismo
Do Governo e do Altar?!
BEATO DA SILVA
(A LANTERNA, 13 nov. 1909, n. 5, p. 3).

Já pelo poema do concurso percebe-se a fúria que *Beato da Silva* sentia por esses (na sua concepção) “imundos” entes clericais. Esses potentes versos terão uma aparição constante no jornal *A Lanterna* a partir de dezembro de 1910, quando *Beato da Silva* ganha uma coluna fixa no jornal denominada “Cautérios”² a qual apresenta versos afiados e combativos; essa coluna permanecerá compondo o jornal até a data da sua desapareção, em 1916.

Antes de adentrarmos no universo de *Beato da Silva*, é importante ressaltar que o anticlericalismo é tratado aqui como um movimento que condena a influência dominante de instituições religiosas, especialmente do clero católico sobre os fatores políticos e sociais da vida pública e o mesmo esteve presente em diversos programas políticos, não sendo, portanto, exclusividade dos movimentos populares de esquerda e nem dos anarquistas; mas, pelo contrário, foi também amplamente propagado por livres-pensadores, positivistas, cientificistas, republicanos e racionalistas. Dessa maneira, o anticlericalismo conseguiu unir programas diversos e, o que é mais impressionante ainda, classes trabalhadoras e liberais numa mesma investida reivindicatória. Sobre essa curiosa união, Hobsbawm discorre:

O anticlericalismo se tornou um problema central da política dos países católicos por duas razões principais: porque a Igreja Católica Romana optara por uma rejeição total da ideologia da razão e do progresso, só podendo, portanto, ser identificada à direita política, e porque a luta contra a superstição e o obscurantismo, mais que dividir capitalistas e proletários, uniu a burguesia liberal e a classe trabalhadora. (1988, p. 368).

O movimento anticlerical no Brasil se estende a um público abrangente, tendo em vista a separação oficial entre Igreja e Estado efetivada logo após a Proclamação da República, em meados de 1891, incluindo, além de anarquistas e operários, uma parte considerável da elite nacional que passa a ser contagiada pelos ideais liberais e de modernidade em ascensão. No Brasil, portanto, a presença do anticlericalismo, principalmente (mas não exclusivamente) após a separação oficial entre Igreja e Estado, é observada entre a própria elite nacional, uma vez que

o racionalismo da Ilustração teve forte penetração em nossa elite (inclusive no imperador), parte da qual fora beber na própria Europa. O anticlericalismo dos dirigentes brasileiros foi fato notório até mesmo porque o baixo nível intelectual dos nossos padres e uma religião toda exterior, afeita mais às pompas do rito e às repercussões sensíveis da fé – misturada a credências – não seriam de molde a impressioná-los. Roque Spencer Maciel de Barros deu à Geração 70 o epíteto de “a Ilustração brasileira”. Sob a égide do cientificismo, a intelligentsia nacional quis valer-se da razão como guia único e seguro da reconstrução do Estado e da sociedade pátrios, deles expurgando a tradição de hierarquias fundadas sobre o privilégio e a caduca união trono-altar, para fundá-los sobre a ciência, a propulsora eficaz do processo. (MELLO, 2007, p. 94-95).

Embora tendo adeptos na própria elite brasileira, foi o movimento anarquista que desempenhou um papel mais ativo nessa luta contra a influência clerical e, é exatamente nesse ponto que se encontra *Beato da Silva*. Mas, afinal, quem é esse *Beato* que se esconde, ou melhor, se mostra sob um pseudônimo? O que é possível saber a seu respeito através dos poemas anticlericais publicados durante esses anos no *A Lanterna*? E por que, apesar dessa produção literária significativa, nenhum estudo foi dedicado exclusivamente ao *Beato*? Será que ele não é excepcional o suficiente para ser lembrado? Em que reside a sua excepcionalidade? A quantidade limitada de fontes a respeito de *Beato* impossibilita que uma história pertinente seja contada? Essas são algumas questões que este artigo pretende desenvolver.

A produção profana de *Beato da Silva*

Muitos dos sujeitos estudados pela história, mais precisamente pela micro-história, deixaram diários, cartas ou outros registros pessoais que traduziam as suas percepções, emoções e ações. Infelizmente, *Beato da Silva* não deixou nada disso. Porém, felizmente, deixou uma rica coleção de poemas (e é espantoso que nenhum historiador tenha ainda se dedicado ao seu estudo e análise), bem como alguns textos de sua autoria e, como será visto mais adiante, lançou também um livro de poesias, que revelam aspectos do indivíduo que está escondido/protegido pela assinatura *Beato da Silva* e que possibilitam a construção deste relato. No entanto, assume-se que várias lacunas serão deixadas em aberto, e que, em muitas partes do relato, joga-se com as possibilidades, com o provável, sendo que as expressões “é possível”, “talvez”, “imagina-se” estão presentes na narrativa; no entanto, a mesma procura não deixar de lado as incertezas e a convicção de que a história aqui transposta é apenas uma das múltiplas possíveis e que não é (e nem tem a pretensão de ser a mais verdadeira), mas objetiva trazer contribuições ao que concerne tanto à história do movimento anticlerical brasileiro quanto à história do próprio indivíduo em si, recuperando um sujeito que, até o momento, foi esquecido pela história, muito provavelmente pelo seu anonimato ou intencionalmente devido à sua luta fervorosa contra um clero que considerava atrasado, obscuro e que se constituía como obstáculo para a ciência e o progresso humano.

Importante é ressaltar que o jornal anticlerical paulista *A Lanterna* também apresentava uma relação de proximidade com os anarquistas, de maneira que vários dos seus colaboradores seguiam essa ideologia política e se observam textos de autores clássicos do anarquismo em suas páginas, embora a maior parte do conteúdo do jornal fosse dedicada a questões anticlericais. Seria *Beato da Silva* também um anarquista? É provável que sim, ao menos nesse período em que esteve colaborando ativamente com o *A Lanterna*, ou, se não o era, ao menos nutria uma simpatia pelos libertários, tendo em vista as estreitas relações que manteve com esses durante os anos do *A Lanterna*.

Mas, além de anticlerical convicto e, possivelmente anarquista, o que torna esse *Beato* excepcional? Em primeiro lugar, suas habilidades de leitura e escrita, já que o índice de analfabetismo no Brasil, na primeira década do século XX, era bastante elevado; em segundo lugar, o seu tempo de permanência como colaborador no *A Lanterna*, tendo em

vista a forte repressão que atingia a imprensa operária e a anarquista – mais intensamente – mas também a folha anticlerical em questão, ocasionando trocas e mudanças constantes entre os colaboradores do *A Lanterna*, como uma estratégia para burlar ou dificultar a repressão; em terceiro lugar, o fato de *Beato da Silva* escrever em versos, algo não tão comum na imprensa alternativa, que, frequentemente, preferia a prosa, por essa ser mais facilmente compreendida pelo público leitor.

No geral, se verifica que a utilização de poemas pela imprensa libertária e anticlerical é parcimoniosa (apesar do poder de condensação desses), uma vez que eles apareciam com maior frequência apenas em exemplares especiais, dedicados à rememoração de certas datas e feitos, limitando, assim, a valorização do discurso poético apenas em datas comemorativas. “Sua publicação respondia [...] à necessidade de exaltação do jornal ou da data comemorativa, e seu significado em tais páginas revelava também a valorização do discurso poético como forma de festejar e chamar a atenção dos leitores”. (LEAL, 1999, p. 102). De acordo com pesquisa de Cláudia Leal, alguns jornais libertários paulistas como o *Terra Livre*, o *La Battaglia* e o *Avanti* chegaram, em alguns momentos, a evitar a publicação de poemas em seus exemplares e justificam a ausência de versos tanto por uma questão de economia de espaço como de falta de substância, de conteúdo combativo em alguns poemas, cujas mensagens não atingiriam, de forma certa, o público a que se destinavam. O próprio jornal anticlerical *A Lanterna* publica uma nota, em 1909, admitindo a preferência pela prosa em detrimento da poesia:

Temos recebido muitos artigos e poesias que a absoluta falta de espaço tem impedido de dar à publicidade. Dentre esses há alguns que, por terem perdido a atualidade, não convém serem inseridos; outros aguardam oportunidade, pois não podemos sacrificar assuntos do dia. [...] Também rogamos, devido à carência de espaço, que sejam breves e concisos. Aos que nos têm enviado poesias, prevenimos que dificilmente serão publicadas, salvo os sonetos, sendo, portanto, preferível que escrevam em prosa. (A LANTERNA, 27 nov. 1909, n. 7, p. 4).

Apesar da publicação dessa prescrição restritiva aos poemas pela direção do *A Lanterna*, o mesmo passa a contar, a partir de dezembro de 1910, com uma coluna em versos, denominada “Cautérios”, impressa na primeira página do jornal e assinada pelo pseudônimo *Beato da Silva*.

O fato de *Beato da Silva* utilizar-se de um pseudônimo para divulgar seus poemas não é, em si, uma excepcionalidade, visto que muitos colaboradores da imprensa operária e anticlerical utilizavam pseudônimos para se protegerem da repressão estatal e, além disso, os anarquistas acreditavam na possibilidade de todos serem igualmente artistas, bem como na importância concedida à coletividade e à solidariedade em detrimento de um individualismo³ refletido em egos inflamados, e é exatamente por isso que muitos artistas libertários se expressam através da “alma coletiva”, de anônimos e pseudônimos tendo por base a crença de que a função primordial da arte encontra-se em denunciar um contexto opressor e possibilitar mudanças sociais e não na glorificação individual do artista em si, função central da arte burguesa e que na arte de protesto perde toda sua significância.

Esperemos, sin embargo, que la sociedad futura encuentre en la organización realmente práctica y popular de su fuerza colectiva el medio de hacer menos necesarios esos grandes genios, menos avasallantes y realmente más benéficos para todo el mundo. Pues nunca hay que olvidar el verbo profundo de Voltaire: “existe alguien que tiene más espíritu que los grandes genios, y ese alguien es todo el mundo”. Sólo se trata ya, así pues, de organizar ese *todo el mundo* merced a la mayor libertad basada en la más completa igualdad: económica, política y social. (BAKUNIN, 2005, p. 51).

Embora não sendo uma excepcionalidade, o anonimato foi, portanto, uma escolha individual de *Beato da Silva* e não uma imposição, uma determinação, pois houve anticlericais que preferiram não utilizar pseudônimos e correr os riscos de uma provável perseguição. Nesse sentido, concorda-se com Revel quando define a experiência biográfica como um campo de possibilidades e com Barth quando a história lhe toma de empréstimo a noção de escolha individual:

Uma experiência biográfica, a do padre Croce ou a do pintor Annibale Carracci, pode assim ser relida como um conjunto de tentativas, de escolhas, de tomadas de posição diante da incerteza. Ela não é mais pensável apenas sob a forma da necessidade – esta vida existiu e a morte a transformou em destino –, mas como um campo de possibilidades entre os quais o ator histórico teve de escolher. (1998, p. 38).

Os elementos teóricos mais importantes são encontrados no antropólogo norueguês Fredrik Barth. A micro-história toma-lhe de empréstimo o modelo de um indivíduo ativo e racional, que por seu lado opera escolhas num universo caracterizado por incertezas e obrigações que dependem particularmente da distribuição desigual das capacidades individuais de acesso à informação. (LEPETIT, 1998, p. 88).

Portanto, sempre que se faz referência às atuações, reivindicações e emoções de *Beato da Silva* se está se referindo às suas escolhas, que, por serem somente suas (individuais) não podem ser generalizadas para toda a classe operária e anticlerical brasileira. Assim, *Beato da Silva* escolheu, dentro das suas possibilidades, ser anticlerical, e ser anticlerical atuante, uma vez que contribuía escrevendo num dos principais periódicos anticlericais do período.

Na seção “Cautérios”, *Beato da Silva* publicou 101 poemas em torno da temática anticlerical. Várias questões foram pontuadas nesses poemas: a presença negativa de jesuítas no Brasil; o nefasto ensino católico; a influência da Igreja na vida das mulheres; os diversos abusos cometidos pelos eclesiásticos, inclusive o abuso carnal. As palavras rimadas de *Beato da Silva* fazem com que se adentre no imaginário anticlerical, permeado de ideias-imagens negativas dos clérigos e da Igreja, as quais podem ser definidas como “imagens compartilhadas”:

El anticlericalismo desarrolló un imaginario propio, reproducido en prácticas, rituales, sociabilidades, medios de difusión e instituciones que habilitaron su permanencia y reproducción en el tiempo. Una verdadera cultura anticlerical se consolidó en distintos espacios sociales iberoamericanos. [...] Los ámbitos de sociabilidad propios de la modernidad: masonería, sociedades de librepensadores, organizaciones vinculadas al socialismo o al anarquismo sirvieron para transmitir un ideario y un conjunto de imágenes compartidas. (DI STEFANO; ZANCA, 2013, p. 19-20).

Para os libertários, era preciso ir mais além da simples separação entre Igreja e Estado (efetuada desde o início da República, em 1889); era necessário minimizar cada vez mais o poderio da Igreja perante a sociedade. Sendo assim, os anarquistas fundam, em 1909, no Rio de Janeiro, a Liga Anticlerical,⁴ procurando organizar de maneira mais

efetiva as investidas e ações anticlericais. *Beato da Silva*, muito provavelmente, recebeu de forma positiva a notícia da fundação da liga carioca. Dentre essas ações anticlericais difundidas pela Liga Anticlerical, as ofensivas pela extinção da influência religiosa nas escolas e pela implantação de um ensino totalmente laico merecem destaque.

Vale a pena ressaltar que, durante a Primeira República, o sistema educacional brasileiro ainda apresentava resquícios do sistema educacional herdado do Império: atraso, precariedade, separação de meninos e meninas, utilização do castigo físico como método pedagógico, acesso não universal, presença do Ensino Religioso em várias escolas, manutenção dos internatos e conventos, entre outros e, além disso, os sistemas educacionais de cada estado da Federação eram bastante diversificados, uma vez que à União cabia apenas a responsabilidade pelo Ensino Superior, tendo cada estado autonomia nas questões concernentes à instrução primária e à secundária. Na prática, poucos avanços se perceberam em relação ao período imperial. O laicismo republicano não foi tão efetivo em sua prática, uma vez que a religião católica continuava a influenciar grande parte das instituições escolares (embora a Constituição de 1891 defendesse o ensino leigo nos estabelecimentos públicos). Com essa autonomia estatal, o Ensino Religioso continuou sendo ministrado em alguns dos principais estados brasileiros, como no Rio Grande do Sul, em Minas Gerais, em Santa Catarina, no Ceará, em Sergipe e em Pernambuco. O poema a seguir de *Beato da Silva* denuncia, comicadamente, essa influência religiosa nas salas de aula:

CAUTÉRIOS

LXXVIII

Lógica infantil

E na aula de catecismo
Um reverendo pançudo
De ar solene, carrancudo,
Untado de pedantismo,

Faz, com uma voz dura e horrenda,
Perguntas à pequenada,
Que responde alvoraçada,
Numa balbúrdia tremenda.

Ao fim da muita sabência
Em profusão despendida,
Quer o padre respondida
Essa pergunta, com urgência:

“Meninos, que fazem, que é,
Primeiro, quando cedinho,
Ou tarde, pulam do ninho,
Antes de tomar café?

E a garotada de truz,
Estridente, alvissareira,
Logo responde ligeira,
Ah! Era o sinal da cruz!

Mas um pequeno matreiro,
Demonstrando ter critério,
Responde arrogante e sério,
Quando cessado o berreiro,

E enquanto o padre sorri,
De lisonja satisfeito:
“Eu quando saio do leito
Faço primeiro pipi”...

Beato da Silva

(A LANTERNA, 28 set. 1912, n. 158, p. 1).

Nesse poema, o padre é caracterizado como um “reverendo pançudo” e essa ideia-imagem de padre gordo, corpulento aparecerá amplamente nos jornais anticlericais, não apenas nos poemas, contos e textos doutrinários, mas também nas representações iconográficas publicadas nesses jornais, explorando consistentemente esse aspecto físico exagerado dos padres. Não quer dizer, na prática, que todos os padres/clérigos fossem obesos, mas há um exagero proposital na fisionomia retratada, a fim de transpor uma característica física para um tipo de comportamento baseado em exageros e excessos. De acordo com Bergson (1987, p. 33), “é cômico todo incidente que chame nossa atenção para o físico de uma pessoa estando em causa o moral”. Portanto, *Beato da Silva* fez uso do estereótipo clerical para transmitir os excessos e abusos cometidos por esse segmento social na sociedade que os tolerava. O próprio exagero dos traços físicos reforça e identifica o estereótipo:

O estereótipo pode não ser completamente falso, mas frequentemente exagera alguns traços da realidade e omite outros. O estereótipo pode ser mais ou menos tosco, mais ou menos violento. Entretanto, lhe faltam nuances, uma vez que o mesmo modelo é aplicado a situações culturais que diferem consideravelmente umas das outras. (BURKE, 2002, p. 155-156).

Outra questão crucial, no anticlericalismo do *A Lanterna*, diz respeito à influência que a Igreja e os padres tinham sobre as mulheres. Vale ressaltar que elas, segundo a concepção da época, eram facilmente influenciadas pelos padres devotos e eram acometidas de uma ingenuidade infantil que facilitava a coerção clerical. Eram, pela visão da época, seres impressionáveis e que seriam presas fáceis nos confessionários religiosos. Dessa forma, o anticlericalismo também passa por uma questão de gênero e de redefinição de certos papéis no emaranhado social:

El anticlericalismo no dejó de cumplir un papel en la tarea de redefinir y delimitar ámbitos de acción en las relaciones de género, en una etapa en que los cambios vinculados a la urbanización y la industrialización afectaban los vínculos familiares tradicionales. Mientras que para muchas mujeres el apego a la religión y la participación en la Iglesia comportaba un espacio de autonomía respecto de la autoridad de sus maridos, para estos la relación de las mujeres con el clero, en particular el vínculo creado a partir de la práctica de la confesión auricular, significaba toda una amenaza para su autoridad y para la paz familiar. La religión y el anticlericalismo jugaron un papel en la definición de esas identidades. (DI STEFANO; ZANCA, 2013, p. 13).

CAUTÉRIOS

XIII

Receio angustioso

Ah! Meu divino amor, se adivinhasses
Como o meu peito sofre e lacrimeja
Quando te vê em direção da Igreja,
Talvez a igreja e os padres evitasses!

Talvez mesmo essa fé que em ti lateja
E a ingênua devoção abandonasses,
Se em mim pensando bem considerasses

Toda angústia que em mim doida esbraveja!
Não é por causa do teu misticismo
Que sofro: é que te vendo assim tão crente
Sinto-te às bordas dum trevoso abismo...

Tremo e choro... receio que a candura
Da tua alma se manche incautamente,
Ao contato com a treva e com a impostura

Beato da Silva

(A LANTERNA, 12 abr. 1913, n. 186, p. 1).

O poema de *Beato da Silva* transparece claramente esse desgosto com a vida religiosa das mulheres, e esse ataque direto à religião – à qual muitas mulheres eram apegadas – será também um ponto crítico dentro do anarquismo, já que, em muitos casos, a falta de trato com que tratavam uma questão tão sutil como é a religiosa, acabava por assustar e afastar muitas mulheres do movimento operário, anarquista e anticlerical. Isso explica por que o anticlericalismo, apesar de ser um dos poucos pontos de unanimidade dentro do movimento libertário, muitas vezes, devido à sua radicalização e aproximação com o ateísmo, acabava por dificultar a própria divulgação do anarquismo, já que assustava a parte dos trabalhadores que tinha uma ligação forte com a religião, cujo número não era, em nada, desprezível. Elvira Boni, participante ativa do movimento operário do Rio de Janeiro durante a década de 1920, quando questionada acerca das dificuldades da propaganda do movimento provocadas pelo ateísmo dos anarquistas, respondeu:

Muitas vezes, nos sindicatos, os operários diziam que nem em casa podiam fazer propaganda intensa, porque as mulheres não se conformavam com a falta de religião. Eles diziam: “Temos um grande inimigo que são as mulheres. Porque elas ouvem aquilo que a gente fala, depois vão confessar e contam ao padre o que a gente diz, o que a gente faz. E eu tive muita oportunidade de dizer: Não são as mulheres que são inimigas de vocês. Vocês é que não sabem captar a simpatia das mulheres. Porque a religião é a última coisa que se tira de uma mulher. Vocês querem tirar em primeiro lugar, vocês é que estão errados. (BONI apud GOMES, 1988, p. 38).

Assim, se verifica que o discurso radical de certos anticlericais, entre eles o discurso do próprio *Beato da Silva* acaba por surtir efeito contrário ao esperado, ou seja, ao invés de atrair adeptos à causa anticlerical, acaba, na verdade, devido a um excesso de radicalização, de um discurso extremamente agressivo contra a Igreja, por afastar parte considerável desse público que tencionava atrair, de forma que toda ação social é permeada de incertezas, tendo em vista que não há controle total sobre os comportamentos individuais e sobre as respostas particulares. Rosental, citando algumas das conclusões do antropólogo Barth, pontua:

Para ele (Barth), uma das características principais da ação social é que seu resultado depende das ações paralelas, ou da reação das outras pessoas. Resulta daí uma incerteza quanto às consequências de todo comportamento, a qual é levada em conta pelos indivíduos: ela os impede de contar abstratamente com um sistema de normas para ajudá-los a prever sem ambiguidade os efeitos dos seus atos. (ROSENTAL, 1998, p. 157).

Esse discurso agressivo contra a Igreja pode ser percebido no poema que segue, em que *Beato da Silva* afirma que adora Satanás e, conseqüentemente, nutre ódio mortal pelo tirano dos crentes, ou seja, por Deus. Logicamente, esse discurso forte e feroz contra a Igreja causará reação não só no público leitor do periódico, mas também nos próprios eclesiásticos e seus seguidores, os quais não medirão esforços para minimizar a venda e a circulação da folha anticlerical na capital paulista de forma que, em 1909, vendedores ambulantes do *A Lanterna* são atacados, e os exemplares do jornal anticlerical são rasgados sem piedade; o que aponta para certa popularidade e importância do jornal *A Lanterna* (era tão importante que merecia ser combatido).

CAUTÉRIOS

IV

VÁ PRA DEUS!

Quando quer um jesuíta

D'algum freguês dar cabo,

Furiosamente grita:

Vá, perro, p'ro Diabo!

Mas nós que amamos Satanaz e odiamos
O tirano dos crentes,
Se acaso ao Diabo algum vilão mandamos,
Somos incongruentes.

Satanaz é o Amor, a Rebeldia,
O condenado, o pobre:
Deus é dogma, o inferno, a tirania,
O sacerdote, o nobre.

Fique, pois, assentado doravante,
Entre ímpios e ateus,
Não se mandar ao Diabo um petulante:
Envia-se-lhe a Deus.

E estreio a nova fórmula mandando
A Deus o revisor,
Que dois gatos deixou sair miando
No cauterio anterior.

Regadeira é o nariz de que és pingente,
Brejeiro és tu, meu grande negligente.

Beato da Silva.

(A LANTERNA, 7 jan. 1911, n. 65, p. 1).

O pequeno exército bento, levando como pendão um cartaz com as palavras: 'Abaixo *A Lanterna*, Viva os padres!', começou, desde a praça Antônio Prado e subindo a rua Quinze de Novembro, a arrebatar das mãos dos mais pequenos vendedores, incapazes de reagir, os exemplares do nosso jornal, rasgando-os – isto no meio de uma algazarra... celestial (não dizemos infernal, como os outros jornais, tratando-se de criaturas tão seraficamente inspiradas). (A LANTERNA, 18 dez. 1909, n. 10, p. 1).

Nos meses finais de 1911, o jornal anticlerical *A Lanterna* divulga a pretensão de *Beato da Silva* de lançar um livro de poemas. Além disso, acaba decifrando também a identidade do *Beato*: segundo a notícia, ele era Raymundo Reis e, tendo em vista que o livro sairia com o seu nome real, era pertinente divulgar a relação dele com os escritos de *Beato da Silva*, já conhecidos dos leitores do jornal e, ao que tudo indica, escritos esses não apenas conhecidos, mas também admirados pelo público do

jornal e, inclusive, por outros veículos da imprensa anticlerical, uma vez que o próprio *A Lanterna* acusa e comemora a reprodução dos poemas de *Beato da Silva* em jornais de outras cidades do País, o que também evidencia uma rede de intercâmbio e trocas dentro da imprensa anticlerical brasileira.

O BREVIÁRIO

Beato da Silva, o nosso dedicado companheiro dos *Cautérios*, também em tempos idos, já *ouviu estrelas*, cantou os olhos da sua *ela*, confabulou com as flores e vagou pelo reino da fantasia. Dessas audições, palestras e vagabundagens trouxe uma regular bagagem, mais de cento e vinte poesias de vários gêneros e feitios, na maioria sonetos, bagagem que ele, embora hoje tenha modificado o seu pensar acerca da Poesia, conserva com amor, “*como recordação de tempos melhores, como prova do seu labor*”. Esta bagagem literária, porém, estava destinada ao seu gozo exclusivo, no esquecimento quase, se alguns amigos de Raymundo Reis – que assim se chama no mundo oficial o nosso companheiro – não lhe exigissem agora a publicação dos seus versos em volume. Muitos ofereceram-lhe logo o seu auxílio pecuniário, e, destarte animado, o nosso amigo resolver a edição do seu livro. Mas para a realização completa do seu desideratum, um livro materialmente bem feito – falta-lhe ainda algum recurso, e eis porque decidiu ele abrir assinaturas para o seu livro, tendo esta ideia encontrado boa aceitação por parte dos que o conhecem. Os preços de assinatura são dois mil réis por volume, módicos em relação ao livro que o nosso companheiro deseja fazer. Os pedidos podem ser dirigido a esta redação ou a Raymundo Reis, rua Senador Feijó, I. * Sobre a individualidade literária de Raymundo Reis, somos suspeitos e não nos devemos manifestar. Basta dizer-se que grande parte dos seus versos obteve franca aceitação dos jornais e revistas onde foi publicada. Na poesia *profana*, o nosso companheiro usava o pseudônimo *Ruy Rebello*. No livro que agora pretende editar, pôs Raymundo Reis o título *Breviário* – contraste, ironia ou extravagância para quem escreve os *Cautérios*. Mas a extravagância não está só no título. Uma parte do livro será intitulada *Religiosos* e conterà, como o título indica, versos *religiosos* ou *místicos*. O nosso Beato da Silva é também devoto... das musas. (A LANTERNA, 30 set. 1911, n. 106, p. 2).

GENTILEZA

O nosso estimável colega da *Gazeta da Tarde*, do Rio, transcreveu os CAUTERIOS do nosso penúltimo número. O Beato agradece. (A LANTERNA, 14 abr. 1911, n. 82, p. 3).

Pequenos écos

Transcrição: *A Reação*, esplendida revista livre-pensadora de Cuiabá, transcreveu, no seu número 10, uma poesia do nosso companheiro Beato da Silva, – que agradece a atenção. (A LANTERNA, 8 out. 1911, n. 107).

Pequenos écos

Cautérios – *O Olho da Rua*, bem feita revista que se publica em Curitiba, no seu número 9 do 4º ano, transcreveu os Cautérios XLII. (A Lanterna, 28 de outubro de 1911, n. 110).

Se os poemas da seção “Cautérios”, de *Beato da Silva*, foram transcritos em periódicos de outros estados e cidades brasileiras, como do Rio de Janeiro, de Cuiabá e Curitiba, seu livro *Breviário* chegou a ser citado em periódicos internacionais, o que demonstra que existia uma rede de intercâmbio entre os veículos da imprensa anticlerical, bastante ativa já nas primeiras décadas do século XX, o que rompe, de certa forma, a falsa noção que se tem de que a circulação e a troca frenética de informações são características exclusivas da contemporaneidade. Assim, o ato de escrever praticado por *Beato da Silva* não se encerra em si mesmo: há interações, circulações e variadas interpretações, e seus poemas chegam aos leitores dos periódicos anticlericais e o impacto e as múltiplas recepções que esses terão é algo a que não se pode chegar com exatidão, mas que demonstra o movimento de uma ação individual para dentro de uma rede social mais ampla. “Toda interação está inserida [*embedded*] em redes sociais mais amplas: pode-se formular a regra de que todo ato social envolve ao menos três partes – eu, você e eles – no que diz respeito tanto à sua interpretação como às suas consequências objetivas”. (BARTH, 2000, p. 175).

O “BREVIÁRIO”

Bastante adiantada está já a confecção do *Breviário*, o livro dos versos que o Beato da Silva vai publicar. Este nosso companheiro e amigo tem recebido inúmeras assinaturas para o seu livro e vários jornais a ele se referiram em termos lisonjeiros, como *a República*, de Santos; o *Fanota*, da França; o *Echo de Lassance*, de Lassance (Minas) e o *Espanador*, de Sete Lagoas (Minas). Continuamos a receber em nossa redação assinaturas para o *Breviário*, dois mil réis cada uma, e brevemente começaremos a publicar os nomes das pessoas que subscreveram. (A LANTERNA, 4 nov. 1911, n. 111, p. 3).

Utilizando os poemas de *Beato da Silva*, como ponto de partida para contar a história do movimento anticlerical, chega-se, devido à circulação desses escritos, a uma história mais global, permeada de intercâmbios e de inter-relações complexas. Assim, certos movimentos – como o anticlericalismo (e também o anarquismo) – apresentam um caráter internacionalista evidente e que serve a uma abordagem transnacional, em que pesem os obstáculos existentes no que concerne à decifração dessa rede social ampliada que ultrapassa os limites nacionais. Indo nessa mesma direção, Imízcoz coloca que “el seguimiento de los actores y de las relaciones con las que se asocian en la acción puede resultar un hilo conductor de gran centralidad para intentar articular una historia más global”. (IMÍZCOS, 2001, p. 119). No entanto, ressalta-se a dificuldade de pensar globalmente um movimento tão heterogêneo como foi o anticlericalismo.

Além de Raymundo Reis utilizar os pseudônimos *Beato da Silva* e *Ruy Rebello*, notícias sobre o lançamento do livro *Breviário*, publicadas no *A Lanterna*, acabam por vincular o nome de Raymundo Reis também ao pseudônimo feminino *Celia d'Ambrosio*, o que justifica as dificuldades reais enfrentadas para computar a participação feminina na imprensa libertária e anticlerical, já que, muitas vezes, as assinaturas femininas remetiam a autores masculinos. Mas, além dessas informações, a descoberta da verdadeira identidade de *Beato da Silva* pouca coisa agrega à pesquisa se a análise ficar concentrada apenas nos exemplares do *A Lanterna*. Mas, ao se fazer uso também de outras fontes, tem-se acesso a outras informações pertinentes e curiosas sobre Raymundo Reis. Pesquisando pelo nome Raymundo Reis, descobre-se que o mesmo foi fichado pelo Departamento de Ordem Pública e Social (Deops) de São Paulo no ano de 1947, sob o prontuário n. 2.841. Pela ficha do Deops, sabe-se que Raymundo Reis era, além de escritor e poeta, dentista e o mais curioso, ainda, é a atividade subversiva descrita na ficha: Raymundo Reis foi enquadrado como propagador de atividades comunistas e não anarquistas! Teria ele abandonado o anarquismo e aderido ao comunismo?

É uma hipótese bastante plausível, já que, no Brasil, a migração de anarquistas para o comunismo foi algo recorrente. A própria fundação do Partido Comunista, em 1922, teve a participação de ex-anarquistas, como Astrogildo Pereira e outros colaboradores dos jornais anarquistas *A Plebe*, de São Paulo, e *Spartacus*, do Rio de Janeiro. O que demonstra a complexidade que permeia a militância política, de forma que as

posturas ideológicas dos indivíduos não são estáticas, mas mutáveis conforme os contextos e opções individuais e que é preciso ter cuidado ao homogeneizar comportamentos, uma vez que as vivências dos indivíduos são múltiplas e não há como aplicar um modelo rígido para determinados grupos (anarquistas, comunistas, anticlericais). Essa falta de homogeneização dos comportamentos dentro da classe operária foi muito bem-apontada por Giovanni Levi, exímio inimigo das generalizações históricas e que, estudando a classe operária italiana, confirmou que os comportamentos dentro da mesma eram múltiplos e que não seguiam lógicas de solidariedade definidas *a priori*:

Levi pôde conjugar elementos para poder julgar “excessivamente esquemáticas” as análises para a esquerda italiana – da qual ele próprio participava – propunha para compreender a classe. Essas imaginavam, no julgamento de Levi, “solidariedades sociais automáticas e consequentes comportamentos homogêneos da classe operária que a própria relação direta com os operários na militância política mostrava inteiramente irrealista”. A vivência de um modelo de explicação que ignorava sistematicamente a experiência interna da classe – a forma pela qual os próprios operários viviam e organizavam o seu mundo – parece ter fornecido a Levi, como a outros de sua geração, elementos para construir uma reflexão sobre os limites da aplicação de um modelo rígido, que bordava como se fosse *coisas* realidades sociais cujo caráter era antes *relacional*. (LIMA, 2006, p. 247).

Essa mescla de fontes (uma referente à produção literária e individual de *Beato da Silva* e outra institucional, resultado da repressão estatal sobre os agente da imprensa alternativa e integrantes do movimento operário) demonstra que é possível vincular o micro ao macro na pesquisa histórica, o cotidiano com o institucional, e que ambas as análises, mais do que se oporem, se complementam e enriquecem mutuamente. “Desse modo, podem ser integrados o nível micro, no qual são realizadas a maioria das observações antropológicas, e o nível macro das formas institucionais e processos históricos.” (BARTH, 2000, p. 163).

Considerações finais

Esse breve ensaio tencionou, embora jogando mais com possibilidades do que com certezas, recuperar fragmentos do indivíduo

Beato da Silva através das suas contribuições literárias no jornal anticlerical *A Lanterna* e, ao mesmo tempo, tocar em pontos cruciais do imaginário anticlerical e também do próprio movimento anticlerical brasileiro, o qual estava vinculado a um movimento mais amplo, de caráter internacional. A existência de fontes escassas e lacunares sobre *Beato da Silva* e sobre seu criador – *Raymundo Reis* – não impossibilita o relato histórico, mas aponta para uma história fragmentada, uma história possível e parcial, mas jamais para uma história única, completa e exata, a qual, se acredita ser antes um devaneio, uma pretensão soberba e irracional do que sinônimo de rigor historiográfico. Incontestavelmente, essa história que se escreve com poucas fontes, mais qualitativa do que quantitativa, precisa fazer uso da invenção, da imaginação controlada e amparada nessas escassas fontes, nas possibilidades que advêm dessa análise, e é exatamente essa utilização da invenção como ação criativa que possibilita a superação das lacunas documentais (sempre existentes, mesmo numa abordagem quantitativa). Como brilhantemente fez Natalie Davis em *O retorno de Martin Guerre*, que construiu uma obra de grande valor histórico e rigor historiográfico utilizando-se exemplarmente desse recurso da invenção (sempre controlada). “O que aqui ofereço ao leitor é, em parte, invenção minha, mas uma invenção construída pela atenta escuta das vozes do passado”. (DAVIS, 1987, p. 21). Ao aqui dar voz a esse *Beato da Silva* nada devoto se está possibilitando, além de recuperar fragmentos da trajetória de *Beato da Silva*, que o leitor entre em contato com parte da produção literária que circulou na imprensa anticlerical brasileira, a qual ainda merece estudos mais aprofundados.

Notas

¹ O jornal anticlerical *A Lanterna* foi fundado em 1901 sob a direção de Benjamin Mota. Essa primeira fase durou até 1904 e atingiu certo êxito, chegando a apresentar tiragens de 10 mil exemplares. No entanto, no presente artigo, a análise se centrará exclusivamente na segunda fase do periódico. A segunda fase inicia em 17 de outubro de 1909 e se estende até 1916 e apresenta, logo após o título, o seguinte direcionamento *“folha anticlerical de combate”*. Nesta nova fase, Benjamin Mota atua como colaborador, e a direção do jornal passa a estar sob os cuidados do anarquista Edgard Leurenroth. O periódico conta também com uma terceira fase situada entre os anos de 1933 e 1935. Os exemplares utilizados no presente artigo estão disponíveis no sítio da Hemeroteca Digital Brasileira: <<http://hemerotecadigital.bn.br/>>.

² A primeira aparição da coluna “Cautérios” se dá no exemplar n. 62, datado de 17 de dezembro de 1910.

³ Refere-se aqui ao individualismo burguês, baseado no ego e em ganhos pessoais e não no individualismo que permite o surgimento das criações livres (de que trata Oscar Wild) e tão fundamental para o socialismo antiautoritário.

⁴ A Liga Anticlerical foi fundada em resposta ao assassinato do educador libertário Francisco Ferrer pelo governo espanhol. Além de anarquistas, a Liga também contava com um grande número de maçons, que eram participantes ativos do movimento anticlerical brasileiro. Entre seus membros encontra-se Benjamin Motta, Everaldo Dias e José Oiticica.

Referências

- BAKUNIN, Mikhail. *La libertad*. Buenos Aires: Agebe, 2005.
- BARTH, Fredrik. *O guru, o iniciador e outras variações antropológicas*. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2000.
- BERGSON, Henri. *O riso: ensaio sobre a significação do cômico*. Rio de Janeiro: Guanabara, 1987.
- BONI, Elvira. Depoimento. In GOMES, Angela de Castro. *Velhos militantes: depoimentos*. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1988. p. 19-68.
- BURKE, Peter. *Testemunha ocular: história e imagem*. São Paulo: Ed. da Unesp, 2002.
- DAVIS, Natalie Zenon. *O retorno de Martin Guerre*. São Paulo: Paz e Terra, 1987.
- DI STEFANO, Roberto; ZANCA, José (Comp.). *Pasiones anticlericales: un recorrido iberoamericano*. Bernal: Universidad Nacional de Quilmes, 2013.
- HOBSBAWM, Eric. *A era dos impérios: 1875-1914*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.
- IMÍZCOZ, José Maria. Patronos y mediadores: redes familiares en la monarquía y patronazgo en la aldea: la hegemonía de las elites baztanesas en el siglo XIII. In: IMÍZCOZ, José Maria (Org.). *Redes familiares y patronazgo: aproximación al entramado social del País Vasco y Navarra en el Antiguo Régimen (siglos XV-XIX)*. Bilbao: Universidad del País Vasco, 2001. p. 225-261.
- LEAL, Claudia Feieranbend Baeta. *Anarquismo em verso e prosa: literatura e Propaganda na imprensa libertária em São Paulo (1900-1916)*. 1999. Dissertação (Mestrado em Teoria Literária) – Instituto de Estudos de Linguagem da Unicamp, Campinas, SP, 1999.
- LEPETIT, Bernard. Sobre a escala na história. In: REVEL, J. (Org.). *Jogos de escalas: a experiência da microanálise*. Rio de Janeiro: Ed. da FGV, 1998. p. 77-102.
- LIMA, Enrique Espada Rodrigues. *A micro história italiana: escalas, indícios e singularidades*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.
- MELLO, Maria Tereza Charles de. *A República consentida*. Rio de Janeiro: Ed. da FGV, 2007.
- REVEL, Jacques (Org.). *Jogos de escalas: a experiência da microanálise*. Rio de Janeiro: FGV, 1998.
- ROSENTAL, Paul-André. Construir o macro pelo micro: Frederik Barth e a “microstoria”. In: REVEL, Jacques (Org.). *Jogos de escalas: a experiência da microanálise*. Rio de Janeiro: Ed. da FGV, 1998. p. 151-172.